

A marginalização da capoeira

Palhares, Leandro Ribeiro

A partir da década de 1930, em um momento político conturbado devido a “revolução de 30 – movimento político militar, comandado por Getúlio Vargas, estadista, que praticamente governou o país durante toda a década, marcada sociopoliticamente [...] que culminou com a implantação do Estado Novo em 1937” (ABREU, 1999, p. 19-20). Getúlio Vargas conferiu ao Estado um caráter paternalista e, ao mesmo tempo, centralizador e controlador. Para ter o carisma e confiança do povo Getúlio iniciou uma política de enaltecimento da cultura popular („das coisas do povo”), com atitudes do tipo: valorizar, incentivar e divulgar o samba, o carnaval, o candomblé e a capoeira, que até então eram manifestações populares marginalizadas pela elite e que só aconteciam às escondidas e em datas exclusivas⁵.

A capoeira especificamente foi um dos exemplos notórios do „jogo de cintura político” de Vargas: a retirou do Código Penal, liberando sua prática, mas somente com

“Não há campo do pensar e do fazer culturais, naquela década, no qual não aflore em escala variável a questão socioantropológica. Esta é a época [...] dos trabalhos de Gilberto Freire, Edison Carneiro [...] Época da formação do umbandismo, da afirmação social dos candomblés [...] Tempo que se impôs a música popular brasileira, em que as escolas de samba foram legalizadas e no qual se definiu o desenho barroco da escola brasileira de futebol...” (ABREU, 1999, p. 20). uma ressalva: que fosse praticada em recintos fechados, o que facilitaria seu controle (atitudes como esta foram tomadas com relação às outras manifestações populares). Desta forma, ele agradava ao povo e não perdia seu „crédito” com a elite dominante da qual ele dependia politicamente. A partir de então surgiu a necessidade de se colocar a capoeira em recintos fechados, iniciando uma nova fase na capoeiragem: a das academias⁶, um divisor de águas no desenvolvimento de uma cultura tão flexível.

Naquele momento a Capoeira iniciava uma de suas principais transformações: o surgimento em torno de si de um invólucro com

todas as características para agradar a sociedade vigente (de acordo, é claro, com toda política getulista da „retórica do corpo“): exame de admissão, uniforme, níveis de hierarquia, premiações por mérito, metodologia de ensino, enfim, condições que permitissem à capoeira uma conotação de „esporte genuinamente nacional“ – procedimentos que agradariam

Naquele momento não se tinha uma representação de academia conforme temos atualmente. Entendia-se por academias todo e qualquer espaço fechado (ex: cômodo, casa, galpão) que pudesse acomodar aulas e/ou rodas de capoeira e, é claro, que tivesse um endereço para controle, aos militares e a burguesia da época. E o homem que genialmente conseguiu fazer esta leitura social, política e cultural para a capoeira foi Manoel dos Reis Machado⁷, Bimba de nascimento (devido a uma aposta entre sua mãe e a parteira) e Mestre por unanimidade.

Interessante observar que a capoeira percorreu trajetórias distintas nas três principais cidades da época. Em Pernambuco, esteve ligada à violência e foi fortemente perseguida até praticamente ser extinta. No Rio de Janeiro, também foi duramente combatida e só sobreviveu devido a alianças políticas. Já em Salvador, ela não só resistiu como se fortaleceu; e isto se deu por conta do sincretismo cultural ocorrido nesta cidade. O sincretismo foi a reunião de várias formas de expressão cultural de forma que traços de uma determinada cultura passasse a estar presente em outra, ou até mesmo dando para definir com mais propriedade o Mestre Bimba me aproprio da fala de um de seus discípulos e grande nome da capoeira atual. Mestre Itapoan comentou que “de vez em quando Deus olha aqui pra baixo e diz: „hoje vou exagerar, vou colocar na Terra mais um grande homem“. E isso aconteceu, desta vez, em 23 de novembro de 1900, em Salvador, Bahia, Brasil: nasceu MANOEL DOS REIS MACHADO, o MESTRE BIMBA, e a capoeira nunca mais foi a mesma!...” (ALMEIDA, 1994, p. 9).

Origem a novos elementos. Como exemplo tem-se os processos de surgimento da Umbanda, onde “[...] combinaram as crenças de origens banto com elementos Nagô, indígenas, católicos e espíritas [...]” (Juana Elbein dos Santos e Deoscoredes dos Santos, citados por ABREU, 1999, p. 24). Outro exemplo foi a recriação da capoeira pelo Mestre Bimba, “combinando a capoeira de antigamente, costumes dos africanos no Brasil, com o batuque [...] conservando como bem de raiz a pulsação primitiva da capoeira: dança de guerra; luta” (ABREU, 1999, p. 41).

Até então a luta que foi criada pelos escravos e que veio se moldando até a época getulista era denominada apenas por capoeira. A partir de sua liberação oficial, apenas para prática em recinto fechado, Mestre Bimba criou uma nova capoeira, denominando-a de Luta Regional Baiana, que ficou popularmente conhecida até os dias de hoje como Capoeira Regional.

Com o advento da capoeira regional os demais capoeiras optaram por manter as tradições da „velha capoeira”, herança dos escravos. E foi em homenagem a estes escravos (a maioria dos que vieram para o Brasil era oriunda de Angola) que a capoeira tradicional passou a ser denominada de capoeira angola, que também passou por algumas ressignificações e adaptações às demandas sociais e econômicas (surgimento de grupos constituídos por bandeiras, uniformes e referenciais didáticos e filosóficos), perseverando e se difundindo pelo Brasil e pelo mundo graças a um senhor de nome Vicente Ferreira Pastinha, o Mestre Pastinha. No ano de 1941, quatro anos após Mestre Bimba fundar sua academia, Mestre Pastinha abriu sua academia: o Centro Esportivo de Capoeira Angola.

Desta forma, os Mestres Bimba e Pastinha foram fundamentais para a ressignificação, valorização e expansão da capoeira; responsáveis por conduzir a capoeira de crime a “... um importante instrumento de educação assim como também uma prática social das mais humanizantes...” (ABIB, 2009, p. 29). Para mim, estes dois Mestres são verdadeiros gênios da cultura popular! Assim, devido ao sincretismo cultural ocorrido na Bahia, às mudanças sociais e econômicas na sociedade brasileira, aos interesses políticos de momento e ao surgimento „das capoeiras“ Regional e Angola, Salvador passou a ser „a terra mãe“ (o „berço“), polo difusor da capoeira para todo o Brasil e o mundo.